

NOEL ROSA: A CLASSE MÉDIA VAI AO MORRO

*Luis Ernesto Barnabé*¹

*Raphael Nunes Nicoletti Sebrian*²

Neste trabalho pretende-se apresentar alguns aspectos da obra e da vida de um dos mais importantes compositores da música popular brasileira na década de 1930: Noel Rosa, figura paradoxal de um grupo ao qual, por pressuposto, ele não deveria pertencer. Rosa, filho da classe média do Rio de Janeiro, tornou-se conhecido por sua música, que tinha estreitas ligações com aquela que se fazia nos morros e subúrbios cariocas da década de 1930 do século passado.

A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1930

A música popular brasileira da década de 1930, através de suas características principais, nos mostra bastante a respeito do desenvolvimento da sociedade brasileira que se configurava desde meados do século XIX.

A caracterização da música popular brasileira dos anos de 1930 nos remete ao processo histórico de desenvolvimento da sociedade, de configuração de uma sociedade de classes, que se urbanizava intensamente, e na qual ocorria também o desenvolvimento das atividades industriais.

Esta sociedade, profundamente marcada pela presença dos “homens livres” e ex-escravos, ao requisitar um aumento da força de trabalho nas cidades para atender à demanda das indústrias, trouxe consigo, junto à mão-de-obra, a musicalidade destes indivíduos, antes restrita aos latifúndios, musicalidade que fundamentou a música popular da época.

O processo de formação da classe operária brasileira é contemporâneo ao percurso histórico da nossa canção. A esfera do trabalho influenciou na MPB de uma maneira no mínimo curiosa: a negação dos valores que o trabalho elevava constituiu-se na temática predileta do compositor popular, nas décadas de 1920 e 1930 do século XX. O operário foi ofuscado pela consagração da figura do “malandro”. Em torno da malandragem giravam as estrelas da música popular brasileira. Fora da escravidão, o músico brasileiro escapava às fronteiras do trabalho braçal, sobrevivendo graças às imposições do arbítrio, às migalhas do favor senhorial, aos biscates excusos. Nossa música popular nasceu parceira do “sereno e da preguiça”.

¹ Mestrando em História – UNESP/Assis. Docente da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo.

² Doutorando em História Social – USP. Docente do Departamento de História da UNICENTRO/PR.

O compositor popular logo percebeu que, no Brasil, o trabalho assalariado possuía pequeno valor estrutural. Numa sociedade que convertia o trabalhador num marginal econômico empobrecido, a “malandragem” tornava-se a única alternativa de sobrevivência. O exercício dessa “malandragem”, por sua vez, requeria uma recusa constante à inserção na produção, levando a substituição do trabalho servil pelo trabalho livre. Além disso, o trabalho aparecia como a qualidade anti-humana por excelência, fazendo com que, sobretudo o negro, se afirmasse como ocioso para sentir-se livre e recomeçar a reconstrução de si na sociedade que se formava.

Durante a década de 1930, batizada como a “época de ouro”, cita-se, entre outros acontecimentos significativos para o cenário musical, o aparecimento notável de Noel Rosa, filho da baixa classe média carioca, e um dos mais fecundos intérpretes da sensibilidade popular da época, reconhecido por seu excepcional manejo do repertório da “malandragem”. No poeta de Vila Isabel, a expressão do malandro na canção popular brasileira atingiu suas dimensões mais profundas, revelando as asperezas da experiência, as angústias que provocavam uma nota dolorosa na vadiagem e na destampada orgia.

NOEL ROSA: A CLASSE MÉDIA VAI AO MORRO

11 de dezembro de 1910. Nascia no Rio de Janeiro, no bairro de Vila Isabel, o menino Noel de Medeiros Rosa, que viria a ser um dos mais expressivos compositores da história da música popular brasileira.

Menino de personalidade peculiar. Enquanto seu irmão Hélio andava preocupado com abstrações filosóficas, ele, Noel, cuidava de viver a rua, os seres vivos, que lhe interessavam muito. Gostava de todo tipo de gente, e de quase todos os tipos de pessoas falou em seus versos.

Noel Rosa estudou no Colégio São Bento de 1923 a 1929, onde concluiu seu curso ginasial. Nunca se caracterizou por ser um bom aluno, sendo na verdade um especialista em caçoar de seus companheiros. Por estudar em um colégio beneditino, era obrigado a assistir às missas aos domingos, o que só fazia pois sempre havia jogos de futebol após o término das mesmas.

Sua formação musical se deu paralelamente aos seus estudos ginasiais. Primeiramente aprendeu a tocar bandolim, e só mais tarde dedicou-se ao estudo do violão, de maneira autodidata. Suas primeiras experiências de composição consistiram na elaboração de paródias, que envolviam seus professores e colegas.

Como exemplo dos “feitos” de Noel, podemos apresentar o ocorrido quando ele ludibriou o rígido professor Albuquerque Sá, de Cosmografia. Faltando à aula no dia da entrega de provas corrigidas que a classe havia realizado, escapou da humilhação à qual o professor queria lhe submeter, pois este o acusava de ter reproduzido integralmente o texto que havia sido conteúdo da avaliação. Ao saber por seus amigos dos acontecimentos, e da acusação de “cola”, retornou à sua casa para estudar o conteúdo, e só

reapareceu no colégio três dias depois, justamente na aula do referido professor.

Ao ser acusado, Noel Rosa desafiou o professor, e acabou por reproduzir a prova integralmente às vistas de Albuquerque Sá, sendo que este, ao presenciar tal feito, desculpou-se formalmente, chegando inclusive a elogiar o aluno. Rosa formou-se em 1930, apenas por conta do decreto de Getúlio Vargas, já que havia sido reprovado em História do Brasil. Tornou-se assim “bacharel por decreto”, como costumava dizer.

Sua vivência musical se desenvolveu em meio à sua conduta boêmia. O primeiro grupo musical que integrou em 1929 era chamado “Bando de Tangarás”, no qual tocava violão. Esse grupo não objetivou se tornar profissional, pois os integrantes receavam a associação com a imagem negativa das pessoas que viviam da música.

Ao longo de sua vida boêmia, gradativamente Noel se interessou pelo samba. Em 1929, compôs “Com que roupa”, seu primeiro samba de sucesso, que havia sido preterido pelo “Bando de Tangarás”, e cuja melodia se iniciava com as mesmas notas do Hino Nacional Brasileiro, apenas dispostas de maneira alternada pelo maestro que arranjou o samba.

Entre os dois tipos de samba existentes no Rio de Janeiro na época – samba da Cidade Nova, e samba do Estácio de Sá –, Noel Rosa se aproximava mais do segundo tipo, de estrutura rítmica diferente e de execução diferenciada, mais simples, além de ser carregado da temática da “malandragem”, da vida dos morros e dos indivíduos pobres, à margem da sociedade. Infelizmente, uma discussão desta música realizada apenas a partir de referências bibliográficas não nos permite descrever com precisão as diferenças musicais entre estes dois estilos.

Apreciador da convivência com as pessoas, Noel Rosa foi o único representante da classe média ligado ao samba que realmente subia ao morro, que vivia com essa gente, constituindo-se assim na exceção entre os músicos de mesma origem social na época. Por conta desta convivência estabeleceu inúmeras parcerias e cultivou amizades, como por exemplo, a sua parceria com o grande compositor Cartola, da qual resultaram grandes canções como “Rir” e “Não faz, amor”.

Suas parcerias foram pontos fundamentais de sua breve carreira. Uma parceria expressiva, por suas características peculiares, foi mantida com Francisco Alves, o “Rei da Voz”, grandioso intérprete e ídolo dos anos de 1930 a 1950 do século passado. Nessa relação se apresentou um aspecto comum à música da época, a chamada “compra de sambas”. Francisco Alves era um dos maiores “compradores de sambas”, e na sua relação com Noel Rosa chegou a “vender” um automóvel para este por conta dos sambas que ele compunha para que gravasse. Este fato reflete também o grau de profissionalismo da carreira de Alves, um artista que utilizava sua condição econômica privilegiada para garantir as músicas de boa qualidade que iria gravar. Artistas profissionais como Francisco Alves não carregavam o estigma comumente atribuído aos músicos da época, de “vagabundos” e “malandros”.

Através das composições de Noel Rosa é possível elaborar um retrato bem humorado da sociedade brasileira da época, mas nem por isso menos

crítico, um retrato feito por um compositor que conhecia bem os problemas sociais, pois tinha no morro seu refúgio, sua segunda morada. Como exemplo, poderíamos citar um trecho de “Para se livrar do mal”, parceria de Noel com o grande Ismael Silva, na qual eles referem-se criticamente à burocracia do governo Getúlio Vargas. Vejamos o trecho:

Fica firme, não estrilha
Traz o retrato e a estampilha
Que eu vou ver
O que posso fazer por você.

Nesta canção, a crítica é feita à política governamental de procurar “atender bem” a todos que procuravam as repartições públicas. Mesmo quando nada se podia fazer pela pessoa, se pedia à ela uma foto e um ficha de requisição de serviços, sob a promessa de se fazer o possível. As críticas sociais foram uma constante das letras de Noel Rosa.

A carreira de Noel se fez breve pelas próprias circunstâncias de sua vida, também muito breve. Noel de Medeiros Rosa faleceu em 1937, gravemente admoestado por diversos males. Em sua vida breve, teve muitos parceiros, muitos amigos, vários amores e alguns poucos inimigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos apresentar de maneira breve algumas das características da obra e alguns elementos da biografia de Noel Rosa. Ainda que concisamente, tivemos a intenção de apresentar como é possível, a partir das canções compostas por Noel, que construamos um retrato crítico da sociedade brasileira dos anos 1930 do século passado, sociedade que vivenciava profundas transformações em todos os seus âmbitos, e que tinha na figura do “malandro” – tão bem representado nos sambas de Rosa – simultaneamente uma expressão de seu desenvolvimento e de suas características negativas fundamentais. Um “malandro” que não trabalhava na indústria, mas que trabalhava arduamente na música, que desenvolvia o domínio completo de seu ofício de instrumentista, compositor ou intérprete, ofício este que, naquele momento da sociedade brasileira, era visualizado apenas como escapismo ao trabalho árduo das fábricas.

Para terminarmos, vejamos a letra de “Com que roupa”, um dos sambas de maior sucesso de Noel Rosa, estrondo no carnaval de 1931, reproduzida à exaustão em todos os momentos do carnaval daquele ano:

Agora vou mudar minha conduta
Eu vou pra luta,
Pois eu quero me aprumar.
Vou tratar você com a força bruta

Pra poder me reabilitar,
Pois esta vida não está sopa
E eu pergunto: com que roupa?

Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?

Agora eu não ando mais fagueiro,
Pois o dinheiro
Não é fácil de ganhar
Mesmo eu sendo um cabra trapaceiro
Não consigo ter nem pra gastar,
Eu já corri de vento em popa
Mas agora com que roupa?

Eu hoje estou pulando como um sapo
Pra ver se escapo
Desta praga de urubu.
Já estou coberto de farrapo,
Eu vou acabar ficando nu,
Meu terno já virou estopa
E eu nem sei mais com que roupa?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. Noel Rosa. Uma biografia. Brasília: Ed. da UnB, 1990.

VASCONCELLOS, Gilberto; SUZUKI, Matinas. "A malandragem e a formação da música popular brasileira". In: FAUSTO, Boris; HOLANDA, Sérgio B. de (orgs.). História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, vol. 4, 1982.

VELOSO, Caetano. Verdade tropical. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.